

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2021

## A CURA DO CEGO DE JERICÓ: UMA ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO DE JESUS NA VIDA DE BARTIMEU

The healing of the blind in Jericho: an analysis of the transformation of Jesus in the life of Bartimeus

*Me. Francis Natan Gonçalves Martins<sup>1</sup>*

### RESUMO

A transformação operada por Jesus no ser humano aplica-se apenas ao âmbito espiritual ou toca demais áreas da vida do indivíduo? A perícopes e Marcos 10.46-52 é um belo demonstrativo de como Jesus se compadece do homem, manifestando sua obra divina e restaurativa em relação aos sofrimentos do oprimido. Embora sendo Rei e Cristo, Jesus apresenta-se como Servo da humanidade, dignificando o indivíduo na perspectiva de Deus, mesmo que para tanto seja necessário quebrar algum paradigma social, religioso ou cultural. A história de Bartimeu aponta que Jesus não detém o alcance de sua obra apenas à condição espiritual, mas sua transformação faz-se evidente e permeia aspectos físicos, psicológicos e sociais, na vida do

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-graduado em Marketing pela Unijuí e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

indivíduo que crê sinceramente em sua pessoa e messianidade.

**Palavras-chave:** Cura. Cego. Jesus. Bartimeu. Transformação.

## ABSTRACT

Does the transformation wrought by Jesus in the human being apply only to the spiritual sphere or does it touch other areas of the individual's life? Pericope and Mark 10.46-52 is a beautiful demonstration of how Jesus takes pity on man, manifesting his divine and restorative work in relation to the sufferings of the oppressed. Although being King and Christ, Jesus presents himself as a Servant of humanity, dignifying the individual from the perspective of God, even if for that it is necessary to break some social, religious or cultural paradigm. The story of Bartimeus points out that Jesus does not only have the scope of his work in the spiritual condition, but his transformation is evident and permeates physical, psychological and social aspects in the life of the individual who sincerely believes in his person and messiahship.

**Keywords:** Healing. Blind. Jesus. Bartimeus. Transformation.

## INTRODUÇÃO

A cura do cego de Jericó, registrada em Marcos 10.46-52, é mais uma das histórias fantásticas de manifestação de Jesus em favor do alívio dos sofrimentos humanos. Embora traga algumas aparentes contradições de informações em relação aos textos correlatos, estas podem ser sanadas satisfatoriamente e fornecem ao leitor um sucinto demonstrativo da compaixão de Jesus e de como ele vê o ser humano.

Esse é o último milagre de cura registrado no evangelho de Marcos e, sem dúvida, apropriado para o tema do *Rei que se tornou Servo*, que Marcos desenvolve em seu escrito. Nesta perícopes, assim como em todo livro, manifesta-se Jesus Cristo, o Servo sofredor de Deus, a caminho da cruz para seu ato redentivo, mas que ainda assim se detém para restaurar fisicamente, socialmente, psicologicamente e espiritualmente um pobre cego.

Tal ensaio discorre sobre a transformação operada por Jesus na vida de Bartimeu, contrastando pontos de partida e estágios pós-cura. Estes demonstrativos de transformação pontuados no enredo da perícopes são: da cegueira à vista; da desonra à honra; da periferia à proximidade; da expectativa

à experiência; da estagnação ao movimento. Nestes estágios, Bartimeu provou não apenas da cura física concedida por Jesus, mas de sincera conversão, conforme declarada pelo próprio Senhor e expressa em sua postura final.

Para tanto, usar-se-á a Bíblia na Nova Versão Internacional quando for utilizado o texto bíblico na língua portuguesa; além do uso de termos específicos em língua original.

## 1. DA CEGUEIRA À VISTA

Para um bom entendimento deste relato registrado pelo evangelista Marcos, faz-se necessário discorrer sobre quem era o cego em questão. O próprio texto apresenta-o como “...o filho de Timeu, Bartimeu, que era cego...” (Mc 10.46). Embora alguns intérpretes se deem por satisfeitos com tal apresentação sucinta do personagem, acatando o nome disposto no texto, há aqueles que discordam. Menciona-se Lopes:

...ele não tinha nome (10.46). Bartimeu em aramaico significa filho de Timeu. Bartimeu não é nome próprio, significa apenas filho de Timeu... diz que desse cego conhecia-se somente o nome do pai, que foi explicado para os desinformados.<sup>2</sup>

Discordante desta perspectiva, Wiersbe entende que de fato, aquele cego, tinha por nome Bartimeu.<sup>3</sup> De mesma forma, Gioia parte em sua abordagem da perícopé, do pressuposto que este era de fato um nome próprio;<sup>4</sup> posição esta que também é adotada por Short. Constata-se que, embora o termo grego  $\beta\alpha\rho$  (*bar*) seja traduzido como filho<sup>5</sup> e  $\tau\iota\mu\alpha\iota\omicron\varsigma$  (*Timaios*) como Timeu, não haveria motivos para repetir duas vezes a expressão filho de Timeu. Ademais, o termo  $\tau\iota\mu\alpha\iota\omicron\varsigma$  deriva-se de  $\tau\iota\mu\acute{\eta}$  (*tímé*), que pode ser traduzido como valioso, honroso, precioso; neste caso, o nome daquele cego poderia significar filho valioso ou filho de honra. Sendo assim, Bartimeu pode ser encarado neste trecho como um nome próprio e não como um substantivo.<sup>6</sup>

<sup>2</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Marcos**: o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 370-371.

<sup>3</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. v. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 191.

<sup>4</sup> GIOIA, Egídio. **Notas e Comentários à harmonia dos evangelhos**. Rio de Janeiro: JUERP, 1969, p. 274.

<sup>5</sup> GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego / português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 41, 207.

<sup>6</sup> BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI**: antigo e novo testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008, p. 1623.

Lembra-se também, que embora haja uma aparente contradição da perícopes em questão, em relação aos seus textos correlatos, de Mateus 20.29-34 e Lucas 18.35-43, pode-se apresentar uma satisfatória explicação para tanto. Apesar de Mateus afirmar que havia dois cegos, diferente do texto em questão, que aponta um, pode-se afirmar que Marcos teve por intenção destacar o ocorrido com apenas um; ademais, destacar um deles não nega a possibilidade de ter havido dois cegos naquele episódio.<sup>7</sup> Lucas, por sua vez, declara que o fato ocorreu na entrada da cidade de Jericó, enquanto Marcos, na saída. Tal aparente discrepância pode ser sanada com a lembrança de que havia naquela época duas cidades de Jericó, uma em ruínas e outra nova, muito embelezada. Estas estavam muito próximas, cerca de 2 ou 3 quilômetros de distância. Sendo assim, pode-se constatar que os cegos podem ter sido curados na mesma cidade, um na entrada e outro na saída. Ainda, pode-se dizer que um havia sido curado na saída de uma cidade, e o outro, na entrada da Jericó seguinte, ocorrendo que as notícias do primeiro feito chegaram rapidamente à cidade vizinha.<sup>8</sup> Os textos não são necessariamente contraposições, mas agem em complementariedade, não excluindo a possibilidade de ter havido dois cegos, que foram curados em diferentes momentos entre as cidades de Jericó. Quanto a este fato, sabe-se que na cultura do mundo da época, era comum os cegos andarem juntos, como medida de cooperação e proteção mútua, visto que alguns deles eram abandonados nas ruas, e neste caso, a companhia de alguém identificado a situação, era bem-vinda.<sup>9</sup>

A despeito das possíveis objeções, percebe-se que o evangelista Marcos se preocupou em relatar a história de um indivíduo em especial, pois apenas Marcos menciona o seu nome: Bartimeu.<sup>10</sup> Este fora cego – a cegueira era comum no mundo da época e incurável - mas após um encontro com Jesus Cristo, fora restaurado de sua debilidade visual, recuperando sua visão instantaneamente. Além do mais, destaca-se o fato de que ele recuperara a visão, supondo que já a tivera noutra momento. Possivelmente este homem tivera algum acidente de percurso, que por sua vez, privou-lhe de uma visão

---

<sup>7</sup> LOPES, 2006, p. 370-371.

<sup>8</sup> GIOIA, 1969, p. 274.

<sup>9</sup> COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 82.

<sup>10</sup> ALLEN, Clifton. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. v.8. Tradução de Adieí Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p. 428.

saudável. Mas em tal encontro com Jesus, esta foi-lhe restituída plenamente!<sup>11</sup>

Entende-se que, além de discorrer sobre a cura de um cego, o trecho do evangelho de Marcos ocupa-se com algo superior, além da resolução física de uma enfermidade visual. Marcos aponta e contrapõe a cegueira espiritual que os mestres da Lei tinham em relação a Jesus (cf. 4.10-12). Sendo assim, aquele simples e rejeitado homem não meramente obteve a visão física, mas a visão de quem realmente era aquele indivíduo chamado Jesus.<sup>12</sup>

Ainda neste assunto, mesmo em sua cegueira física, Bartimeu vira a pessoa de Jesus e interpretara a sua missão de forma infinitamente mais nítida que os religiosos e mestres da Lei. Pois, usou-se de termos que refletiam a compreensão de que Jesus era a resposta às profecias messiânicas, registradas em Isaías 61.1, 29.18, 35.5. Bartimeu pronunciou duas vezes o título *Filho de Davi* (cf. 10.47-48), que por sua vez, era um título messiânico.<sup>13</sup> Acredita-se que, o que movera o cego Bartimeu a clamar escandalosamente pela atenção de Jesus, era o fato de que ele cria piamente que Jesus era o Messias, o qual poderia restaurar a vista aos cegos.<sup>14</sup>

Bartimeu chamou Jesus de “Filho de Davi”, seu título messiânico. Jesus é chamado “Filho de Davi” somente aqui em Marcos. O fato de esse cego mendigo chamar Jesus de “Filho de Davi” revela que ele reconhecia Jesus como o Messias, enquanto muitos que haviam testemunhado os milagres de Jesus estavam cegos a respeito da sua identidade, recusando-se a abrir seus olhos para a verdade.<sup>15</sup>

A ótica espiritual do cego Bartimeu também é ressaltada pela sua expressão, no verso 51, quando se dirige a Jesus com o título grego Παββουβί (*Raboni*). Embora este termo seja traduzido ao português como Mestre, tem por significado algo muito além da outra derivação grega ραββί (*Rabi*), a qual era usada para intitular os mestres da Lei. Tal uso aparece apenas duas vezes no Novo Testamento, neste trecho e em João 20.16 (expressão de Maria Madalena ao ver Jesus ressurreto); e traz a conotação acentuada “meu Mestre”, ou ainda, pode ser traduzida como Senhor. Deste modo, as palavras

<sup>11</sup> WIERSBE, 2006, p. 325.

<sup>12</sup> ALLEN, 1986, p. 428.

<sup>13</sup> STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 121.

<sup>14</sup> BRUCE, 2008, p. 1623.

<sup>15</sup> LOPES, 2006, p. 374-375.

de Bartimeu expressam reconhecimento de Jesus, mediante a sujeição de vida ao seu senhorio.<sup>16</sup> Wiersbe afirma, quanto ao uso deste termo, que Bartimeu fez uma declaração pública de fé em Jesus, não sendo esta apenas um tratamento comum dado a um mestre da Lei.<sup>17</sup> Lopes pontua, “Bartimeu tinha usado duas vezes o título messiânico de Jesus, mas rabboni era uma expressão de fé pessoal”.<sup>18</sup>

A perícopes em estudo destaca que Bartimeu, antes e além de restituído à visão, visualizou espiritualmente quem Jesus realmente era... algo que os religiosos e mestres da Lei não foram capazes de ver e aceitar, e que os até os próprios discípulos de Jesus tiveram dificuldades de interpretar.<sup>19</sup>

## 2. DA DESONRA À HONRA

Além de todo dissabor do infortúnio enfrentado devido a cegueira, Bartimeu vivia em um quadro de completa desonra social, religiosa e psicológica. Interessante é relembrar a possível interpretação de seu nome, a qual traz por significado *filho de honra* - o que por sua vez parece um tanto quanto contraditório diante da situação vivida por Bartimeu. Discorrer-se-á neste tópico, sobre as mazelas enfrentadas pelo cego da cidade de Jericó.

Quanto à desonra social, discorre Rops expondo que o indivíduo enfermo, muitas vezes era tido como escória da sociedade, pois o ócio e a invalidez deste diante do trabalho e sustento, o tornava um peso à família. Por isso, alguns doentes eram abandonados pelos seus entes, tornando-se mendigos maltrapilhos, que viviam nas ruas à mercê de alguma esmola, restos de comida ou caridade de algum concidadão. Tanto os aleijados, deficientes mentais, leprosos, quanto os cegos, juntavam-se às centenas nas ruas de Israel, mostrando o lado feio da vida dos judeus.<sup>20</sup>

Quanto à desonra religiosa, destaca-se o estigma que se tinha em relação a condição espiritual do deficiente visual. Para muitos judeus, nascer cego ou perder a visão, era um sinal de maldição divina – conforme apontado no conceito religioso popular em João 9.2 e 34. Além do mais, Bartimeu fazia

<sup>16</sup> LOPES, 2006, p. 375.

<sup>17</sup> WIERSBE, 2006, p. 191.

<sup>18</sup> LOPES, 2006, p. 375.

<sup>19</sup> LOPES, 2006, p. 378.

<sup>20</sup> ROPS, Henri Daniel. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 200.

parte daqueles que não iriam à festa religiosa. Pois anualmente, boa parte dos judeus faziam peregrinações à capital, Jerusalém, para prestar cultos e celebrar as festividades religiosas dos judeus.<sup>21</sup> Mas desta peregrinação, estavam liberados de obrigatoriedade os incapacitados devido à idade avançada, crianças e os enfermos. Estes que ficavam em suas cidades - em suas janelas ou ruas, e saudavam os demais concidadãos, desejando-lhes bênçãos e boa viagem.<sup>22</sup> Já os pobres e enfermos, aproveitavam o momento para receber esmolas dos demais judeus, os quais tinham por obrigação religiosa, ofertar caridosamente recursos aos miseráveis que esmolavam pelas ruas.<sup>23</sup>

Neste episódio, aproximava-se a festa da Páscoa, e a cidade de Jericó era tida como a última parada antes de chegar a Jerusalém, sendo um ponto de grande movimento em períodos preparatórios às festas judaicas. Bartimeu, por sua vez, era um dos que não iria à Jerusalém, e por isso, colocara-se à beira da estrada, para se possível, coletar alguma esmola generosa dos peregrinos, visto que possivelmente estavam inclinados à caridade.<sup>24</sup> Tais desfavores enfrentados por Bartimeu demonstram que possivelmente ele era visto como alguém a quem Deus demonstrara total desfavor. Isso pode ser percebido diante das duras repreensões do povo a Bartimeu (cf. 10.48), pois, quem seria esse amaldiçoado para interferir na peregrinação à Jerusalém ou mesmo tomar tempo do Mestre Jesus?<sup>25</sup>

Outro aspecto que poderia apontar desfavor e desonra no âmbito religioso sobre a vida de Bartimeu, se refere à cidade onde este morava. Via de regra, Jericó era uma cidade amaldiçoada, pois fora destruída no episódio em que Josué e o povo israelita adentram a terra de Canaã (cf. Js 6.20-26). No momento de sua destruição, uma maldição fora proferida em relação ao soerguimento de suas estruturas, sendo que aquele que a reconstruísse, o faria

<sup>21</sup>No contexto do Novo Testamento, a festividade da Páscoa era comemorada por todos os judeus, em todos os lugares. Mas era tradicional a peregrinação de grande parte destes até a cidade de Jerusalém, para a celebração das festividades pascais. Esperava-se que todo judeu acima de 13 anos, com condições de locomoção, se desloca-se a capital todos os anos de sua vida para participar da festividade. Havia ainda uma regra rabínica, que determinava que todos os homens que habitassem em um raio de 25 quilômetros de Jerusalém, fossem à festa (Jericó distava cerca de 25 Km de Jerusalém).

<sup>22</sup>COLEMAN, 1991, p. 265-266.

<sup>23</sup>ROPS, 1983, p. 201.

<sup>24</sup>LOPES, 2006, p. 374-374.

<sup>25</sup>BARCLAY, William. **El evangelio de Marcos**. Tradução de Carlos Biagini. Buenos Aires: La Aurora, 1983, p. 259.

a custo da vida de seu primogênito e do caçula, pois Deus os mataria. Ressalta-se que uma nova Jericó, havia sido levantada a cerca de 2 ou 3 quilômetros das ruínas da antiga, por Herodes, o Grande.<sup>26</sup>

Quanto à desonra psicológica, pode-se mencionar o possível abandono em que Bartimeu infelizmente vivia. Como já fora mencionado anteriormente, era comum aos enfermos a negligência de cuidados, até mesmo por parte de familiares, sendo que os doentes ficavam realmente desassistidos em suas necessidades básicas (cf. Jo 5.3,7). Tal abandono era uma agrura ainda mais pesada que a enfermidade ao indivíduo, sendo que estes eram tidos por escória da sociedade. Tal sentimento popular em relação aos enfermos era notável, como se mostra no registro das repreensões da multidão ao cego Bartimeu (cf. 10.48), pois dar atenção a um miserável como ele seria uma perda de tempo e este só viria a ser um estorvo na peregrinação de Jesus.<sup>27</sup> Neste quesito ainda podem-se destacar as palavras do próprio Bartimeu, "...tem misericórdia de mim!" (Mc 10.47 e 48). Esta expressão é justa à alguém sabe que é indigno de exigir quaisquer coisas. Bartimeu, diferente dos arrogantes religiosos da época, sabia que não era merecedor de algo da parte de Deus, e por sua vez, apenas clamava pela misericordiosa atenção de Jesus. Assim, ele demonstra o autoconhecimento de sua deplorável situação diante dos homens e de Deus.<sup>28</sup>

Ainda sobre tal situação deplorável de Bartimeu, Lopes afirma:

Esse homem não era apenas cego e mendigo, mas estava também com sua autoestima achatada. Não tinha saúde, nem dinheiro, nem valor próprio. Certamente carregava não apenas sua capa, mas também seus complexos, seus traumas, suas feridas abertas.<sup>29</sup>

Diante de todo este quadro desfavorável, a obra de Jesus na vida daquele homem proporcionou-lhe uma grandiosa transformação. Embora sua breve história se inicie com notável desonra e miserabilidade, Jesus o transporta a uma posição muito favorável e satisfatória. Daria para se concluir, quanto a este aspecto, que Jesus não o honrou segundo a expectativa humana e carnal, mas o honrou no sentido de devolver o valor implícito no fato de ser criação preciosa de Deus, sendo que Bartimeu pode voltar a usufruir de dignidade

<sup>26</sup> LOPES, 2006, p. 373.

<sup>27</sup> BARCLAY, 1983, p. 259.

<sup>28</sup> MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos:** introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 125.

<sup>29</sup> LOPES, 2006, p. 374.



social.<sup>30</sup> Ainda, suas desonras religiosas e psicológicas puderam ser quebradas, pois Jesus demonstrou-lhe a misericórdia que clamara, mostrando que o Rei da Glória se compadecia de suas mazelas; também Jesus ignorou os conceitos errôneos relativos ao valor de um enfermo, demonstrando que este não era insignificante a ponto de ser ignorado. Pelo contrário, sua dor fora relevante o suficiente para interferir na jornada do Salvador do mundo rumo à cruz, onde consumaria a obra da redenção.<sup>31</sup> Ademais, visto que Jesus é apresentado no evangelho segundo Marcos como Rei que viera servir a humanidade, este trecho - que expõe o último relato de cura de Jesus antes de sua oferta de si na cruz - focaliza o serviço de Jesus em favor daqueles por quem viria dar sua vida posteriormente, em Jerusalém.<sup>32</sup>

### 3. DA PERIFERIA À PROXIMIDADE

Como já mencionado, Bartimeu estava à beira da estrada, na saída de Jericó, na via que ligava a cidade à Jerusalém. Bartimeu pedia esmolas à margem da rua, em um local de rejeição, característico aos moribundos. Mas, além disso, estava à margem da sociedade, na periferia da dignidade, podendo ser classificado como o tipo de gente mais desprezível segundo os valores da época.<sup>33</sup> Isso acontecia devido à equivocada concepção de que o enfermo era amaldiçoado por Deus (cf. Jo 9.2); sendo que muitos judeus não ousavam nem mesmo tocar neste, pois acreditavam que seriam contaminados com sua impureza. Também, tal afastamento dos enfermos se dava pelo entendimento que o enfermo seria como que um peso morto, que não renderia esforços e cooperação nas demandas de trabalho cotidiano.<sup>34</sup> Esse entendimento é manifesto no trecho em questão, na repreensão do povo à Bartimeu, pois na concepção popular, ele era um ser indigno atenção – ainda mais do Mestre Jesus.<sup>35</sup>

Outro fator que geralmente deixava os enfermos a margem da sociedade era a situação de completa pobreza, pois o preconceito judaico relativo ao desfavor do pobre era extremamente pesaroso. O judeu tradicional entendia

<sup>30</sup> POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos comentário esperança**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 220-222.

<sup>31</sup> MULHOLLAND, 2005, p. 124.

<sup>32</sup> ALLEN, 1986, p. 428.

<sup>33</sup> ROPS, 1983, p. 200-201.

<sup>34</sup> ROPS, 1983, p. 208-210.

<sup>35</sup> LOPES, 2006, p. 376.

que ser abastado de riquezas era um sinal do favor divino e demonstrativo de uma vida justa, aprovada pelo Senhor. De forma inversa, os pobres eram vistos como desprezados por Deus.<sup>36</sup>

Segundo Lopes, “...ele estava à margem do caminho (10.46). A multidão ia para a festa da Páscoa, mas ele não poderia ir. A multidão celebrava e cantava, ele só poderia clamar por misericórdia. Ele vivia à margem da vida, da paz, da felicidade.”<sup>37</sup> Embora Bartimeu estivesse na periferia social, Jesus não o via sob a ótica popular – muito pelo contrário, ele atacou em cheio os paradigmas judaicos. Jesus interrompe a sua comitiva, atenta para aquele cego miserável e o chama para perto! Menciona-se ainda nesta questão, o fato de que Jesus não o repreendeu para que se calasse ao declarar seu reconhecimento do Messias. Parece que o Mestre finalmente deixou explícito este reconhecimento, visto que caminhava para seu ato redentivo.<sup>38</sup>

Após sua cura, Bartimeu, que fazia parte do grupo dos que não iriam para a festa da Páscoa em Jerusalém, não apenas segue a comitiva do Mestre à capital judaica, mas segue ao lado de Jesus, desfrutando de proximidade com o Senhor.<sup>39</sup> Interessante é notar que diferente de outros episódios de cura, Jesus não o dispensa após a restauração (como fizera em Mc 8.26, com outro cego que fora curado), mas acolhe Bartimeu em sua comitiva. Sobre esta atitude de Jesus, Pohl defende que este o acolhe como demonstrativo da aceitação da fé messiânica declarada publicamente.<sup>40</sup>

## 4. DA EXPECTATIVA À EXPERIÊNCIA

No mundo da época, corriam as notícias dos feitos miraculosos de Jesus em relação aos enfermos. Tendo este conhecimento, era comum a todo debilitado de saúde em Israel desejar encontrar Jesus para que fosse liberto de seu sofrimento. Certamente Bartimeu também tinha esta esperança. Mas em um dia qualquer, aquele que apenas tinha expectativas de um encontro com Jesus, provava de uma experiência pessoal com este.<sup>41</sup> Tais expectativas de Bartimeu são questionadas por Jesus, no verso 51, ao perguntar o que este esperava de

<sup>36</sup> COLEMAN, 1991, p. 302-303.

<sup>37</sup> LOPES, 2006, p. 374.

<sup>38</sup> ALLEN, 1986, p. 428.

<sup>39</sup> LOPES, 2006, p. 374.

<sup>40</sup> POHL, 1998, p. 222.

<sup>41</sup> BARCLAY, 1983, p. 260.

sua parte. As palavras daquele cego revelaram a sua esperança: “Mestre, eu quero ver.” Bartimeu sabia muito bem o que queria, e o conseguiu.<sup>42</sup>

Além do mais, aquele homem demonstrara certa ciência das profecias messiânicas, aguardando a vinda do Cristo, pois sabia que apenas este teria poder para curar os cegos. Certamente, quando ouvira falar dos feitos estrondosos de Jesus noutros lugares, compreendera e crera em seu coração que este viria a ser a resposta às profecias, o qual ele não poderia perder a oportunidade de encontrar naquele momento único. Esta esperança moveu Bartimeu à insistência pela atenção de Jesus, que por sua vez, proveu-lhe cura e uma prova de seu poder.<sup>43</sup>

Bartimeu experimentara algo muito superior do que apenas a cura física de seus olhos, provara do dom de Deus: a vida eternal. Embora Bartimeu desejasse provar de um encontro com Jesus, aquele que poderia reverter a sua situação deplorável de saúde, aquele cego recebeu benção maior. Mediante sua fé na pessoa do Cristo, Bartimeu recebeu a salvação, garantida pelo próprio Jesus, conforme Marcos 10.52. Embora algumas versões em português traduzam a resposta de Jesus à fé declarada de Bartimeu como “sua fé o curou” (NVI), o termo original indica uma experiência salvífica,<sup>44</sup> pois usa-se da expressão *σέσωκέν* (*sesōken*), *palavra derivada de σώζω* (*sōzō*), *que pode ser traduzida como salvar*.<sup>45</sup> Sendo assim, Bartimeu experienciou a partir deste episódio, de salvação pela fé em Jesus!

## 5. DA ESTAGNAÇÃO AO MOVIMENTO

É interessante notar a postura de Bartimeu no antes e depois ao encontro com Jesus. Aquele homem enfermo encontrava-se em um primeiro momento à beira da estrada, possivelmente sentado ao chão, envolto por aquilo que poderia ser seu único bem, a sua capa. Ali ele esmolava dia e noite, padecendo da misericórdia e compaixão de algumas pessoas que percorriam aquela estrada.<sup>46</sup> Mas em um segundo momento, no encontro com Jesus, nota-se aquele que estava mirrado à margem da estrada havia saltado daquela posição,

<sup>42</sup> MULHOLLAND, 2005, p. 124.

<sup>43</sup> BRUCE, 2008, p. 1623.

<sup>44</sup> ALLEN, 1986, p. 428.

<sup>45</sup> GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 182.

<sup>46</sup> ROPS, 1983, p. 200-201.

a convite do próprio Senhor. Este ato de Bartimeu é destacado no texto por ser algo incomum, pois cegos não saltavam e não corriam, pelo risco que havia em tal atitude. Estes andavam vagarosamente, geralmente de mãos dadas a outros cegos, Tateando paredes para evitar choques ou quedas. Mas Bartimeu sabia para onde estava saltando, e com expressa segurança se levantou, sabendo que Jesus estava ali.<sup>47</sup>

Neste trecho, o texto nos mostra mais um ato de Bartimeu: ele abandonou a sua capa. No contexto da época, a capa era como a casa de um mendigo, com a qual poderia se proteger do frio da noite e do calor do sol; além de ser a sua cama e cobertor. Também, os mendigos usavam suas capas como objeto de coleta de ofertas, estendendo-as no chão para que ali depositassem esmolas.<sup>48</sup> Mas entende-se que aquela capa representava muito mais a Bartimeu, representava o único amparo naquela primeira condição, a qual pela fé ele sabia que não voltaria após uma ação miraculosa do Messias. Por isso, Bartimeu jogou sua capa ao lado e não a carregou junto de si, pois sabia que não precisaria voltar àquela miserável vida. Além disso, o ato de abandonar a capa pode representar a renúncia do único bem que tinha, para poder se achegar a Cristo. Certo é, que Bartimeu deixou seu bem de maior valor, para ganhar a riqueza da prova da ação de Jesus em sua vida.<sup>49</sup>

Além do mais, neste segundo momento, o evangelista Marcos destaca a pronta decisão daquele que fora cego: Bartimeu voluntariamente seguiu a Jesus! Isso acontece após do encorajamento dado por Jesus, para que Bartimeu seguisse sua vida, mediante a ordem “Vá... a sua fé o curou” (cf. 10.52). O evangelista transparece neste trecho, que um encontro com Jesus proporciona ao indivíduo plena liberdade, seja no âmbito espiritual e físico. A decisão do homem curado reflete que o seguir a Jesus não é tido por obrigação ou imposição deste, mas uma decisão voluntária diante do conhecimento de sua pessoa, seguida por uma particular e espontânea sujeição ao seu senhorio.<sup>50</sup>

É interessante pontuar o contraste existente na história, pois aquele homem que outrora estava estagnado em sua vida, devido à condição desfavorável,

<sup>47</sup> LOPES, 2006, p. 376-377.

<sup>48</sup> POHL, 1998, p. 220.

<sup>49</sup> LOPES, 2006, p. 376.

<sup>50</sup> BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução de Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 109-110.

agora neste segundo momento, encontra-se em movimento, seguindo Jesus à Jerusalém. Notável é sua atitude, pois demonstra gratidão pelo feito de Jesus e expressa conversão mediante a fé. Relativo a este ato, Lopes pontua:

...Bartimeu foi guiado por Cristo (10.52). Bartimeu “seguiu a Jesus estrada a fora”. Bartimeu demonstra gratidão e provas de conversão. Ele não queria apenas a bênção, mas, sobretudo, o abençoador. Ele seguiu a Jesus para onde? Para Atenas, a capital da filosofia? Para Roma, a capital do poder político? Não, ele seguiu a Jesus para Jerusalém, a cidade onde Jesus chorou, onde Jesus suou sangue, onde Jesus foi preso, sentenciado, condenado e pregado na cruz. Ele seguiu não uma estrada atapetada, mas um caminho juncado de espinhos. Não o caminho da glória, mas o caminho da cruz. Bartimeu trilhou o caminho do discipulado.<sup>51</sup>

Este ato de Bartimeu enaltece o fato de que realmente este tenha provado de uma sincera conversão, dispondo-se ao discipulado de Jesus. Ele não usara de sua nova condição para retomar seus interesses particulares, mas recomeçou sua vida a partir de sua experiência pessoal com Jesus, manifestando sua gratidão e oferecendo sua lealdade ao Senhor. Segundo Barclay, este é um resumo perfeito dos estágios do discipulado cristão.<sup>52</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trecho em questão aponta a ação transformadora de Jesus Cristo na vida daquele que nele crê e recorre à sua compaixão. De forma alguma, o presente artigo se propõe a garantir cura física àqueles que necessitam de tal intervenção, mas destaca Jesus como todo suficiente para tal ato, caso isso lhe aprouver. Acima de tudo, a perícopé demonstra que Jesus, o Rei que se fez Servo, se compadece das misérias do ser humano, concedendo-lhe restauração em todos os âmbitos da vida, devolvendo-lhe a dignidade e restaurando o seu valor na perspectiva de Deus. Portanto, observa-se na história de Bartimeu que, Jesus não se importa apenas com a restauração da condição espiritual do ser humano, mas também com a restauração física, psicológica e social deste.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. v.8.

<sup>51</sup> LOPES, 2006, p. 379.

<sup>52</sup> BARCLAY, 1983, p. 261.

Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. 484 p.

BARCLAY, William. **El evangelio de Marcos**. Tradução de Carlos Biagini. Buenos Aires: La Aurora, 1983. 360 p.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução de Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. 1263 p.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI**: antigo e novo testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2271 p.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego / português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993. 228 p.

GIOIA, Egídio. **Notas e comentários à harmonia dos evangelhos**. Rio de Janeiro: JUERP, 1969. 321 p.

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 984 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Marcos**: o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos, 2006. 469 p.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2005. 182 p.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**: comentário esperança. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 337 p.

ROPS, Henri Daniel. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983. 330 p.

STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Belo

Horizonte: Atos, 2008. 938 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo**: Novo Testamento. v.2. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 952 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional